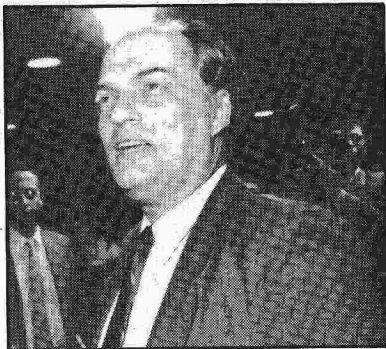


Freire explica amizade com Sarney

Carlos Menandro 13.06.89

Rio — Antes do debate na TV, durante os 60 minutos do programa “Encontro com a imprensa” da Rádio Jornal do Brasil, o candidato do PCB à Presidência, Roberto Freire, teve que explicar ontem aos ouvintes sua amizade com o presidente José Sarney: por que é ateu; se o pluralismo defendido pelos comunistas não passa de uma estratégia para chegar ao poder e se aceitaria integrar o ministério de Fernando Collor de Mello, como o próprio candidato do PRN já chegou a sugerir.

“Costumo separar a figura da pessoa humana do governante”, justificou Freire sua aproximação com Sarney. “Sou inimigo de suas idéias, mas não de sua pessoa”. O presidencialista lembrou que “até deputados do PDS” financiam suas viagens de campanha para endossar sua tese. Freire deve ter deixado perplexa a ouvinte que lhe indagou se é possível um governo “sem a ajuda de Deus”. “Sarney e Pinochet acreditam em Deus e vão à



Freire, alianças cobradas

missa aos domingos, e nem por isso são bons governantes” — respondeu.

Freire também descartou a possibilidade de participar do governo de Collor, caso o candidato do PRN seja eleito. “Não vou me unir às forças conservadoras” — garantiu. Reafirmando a posição do PCB a favor do pluripartidarismo, Freire disse que, “no Brasil, os comunistas sempre foram vítimas da demo-

cracia e nunca atuaram contra ela”.

Alianças

Irritado com as acusações lançadas contra o PCB de fazer alianças com setores de direita para obter cargos públicos, Roberto Freire, defendeu o apoio que os comunistas deram ao presidente José Sarney e ao PMDB. Freire disse que o PCB “fez alianças com vários setores de oposição à ditadura, mas nunca aliou-se ao autoritarismo” e disse que o apoio do “partidão” em 1982 a Miro Teixeira — à época, ligado ao “chaguismo” — na disputa do governo do Rio “foi um preço pago para realizar a aliança nacional em torno do PMDB contra a ditadura”.

“Brizola e o PT tinham uma política divisionista na época”, disse Freire, que afirmou que desde 1964 o partido defendeu essa política de frente com “setores democráticos”, que acabou se generalizando na esquerda a partir de 1974, com a vitória do MDB nas eleições daquele ano.